



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANA MARIA DE MORAIS QUEIROGA

**PORTADORES SOCIAIS DE TEXTOS E O PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

CAJAZEIRAS - PB

2007

ANA MARIA DE MORAIS QUEIROGA

**PORTADORES SOCIAIS DE TEXTOS E O PROCESSO DE
AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Antônia Lis de Maria Martins Torres.

,

CAJAZEIRAS - PB

2007



Q383p Queiroga, Ana Maria de Moraes.
Portadores sociais de textos e o processo de aquisição da leitura e da escrita / Ana Maria de Moraes Queiroga. - Cajazeiras, 2007.
61f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Aquisição da leitura. 2. Aquisição de escrita. 3. Leitura e escrita. 4. Funções sociais de leitura. I. Martins, Antônia Lis de Maria. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028.6

À DEUS, fonte de força, esperança e amor.
Pelo dom da vida, do conhecimento, pela
mais grata sensação de dever cumprido. O
meu eterno obrigado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me deram à vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade; que acompanharam minhas vitórias com paciência e resignação, respeitando minhas idéias e me incentivando, expresso o meu mais profundo respeito e admiração.

Ao meu esposo, pela compreensão, carinho e força ao final de mais uma jornada.

Às minhas filhas, que sofreram junto comigo os momentos de ausência.

A todos que constituem a Escola Nivaldo Gomes de Sá, pois sem a colaboração coletiva não teria alcançado meus objetivos.

Por fim, não menos importante, alguém que admiro como profissional. Uma pessoa iluminada, a orientadora e compreensiva, Lis de Maria.

"O maior desafio da escola contemporânea neste final de século é buscar processos educativos transformadores para que os alunos dominem os conhecimentos e informações importantes para a sociedade de hoje e estejam municiados para enfrentar a sociedade do futuro"

A transformação em marcha - Multieducação

RESUMO

QUEIROGA, Ana Maria de Moraes. **Portadores sociais de textos e o processo de aquisição da leitura e da escrita**. 2007. 61 f. Monografia (Graduação em Docência) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras - PB, 2007.

Este estudo objetivou a análise das metodologias e práticas educativas em relação à leitura e escrita com os Portadores Sociais de Textos. Buscou-se também através das atividades propostas orientar e refletir junto aos docentes outros níveis de conhecimentos, considerando a leitura e escrita como um processo contínuo e interativo. Primeiramente foram fornecidos pressupostos gerais sobre o ensino nas séries iniciais, a elaboração da leitura e escrita, as teorias, as discussões e reflexões dentro do espaço escolar. Em seguida, abordamos a linguagem, suas concepções acerca da oralidade e escrita, e seus aspectos discursivos e características. Tentamos dentro desse contexto demonstrar a necessidade e a importância de o professor saber identificar as fases da aprendizagem do aluno para posteriormente adequar as atividades de acordo com o desenvolvimento da turma, afim de que os mesmos, através da construção de suas próprias hipóteses, pudessem formar seu conceito do que é a escrita, e de como se escreve. Tratamos também de algumas noções elementares da função social da leitura e escrita, da maneira como a interação entre o leitor e autor, via texto, influência e estabelece as relações interpessoais. Ainda com a intenção de desenvolver as competências comunicativas dos alunos, realizamos atividades com diversos portadores de textos que circulam em nossa sociedade, posteriormente abordaram-se as dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, os pontos negativos que norteiam esse processo, os métodos adotados pelos professores e os livros didáticos, estes tidos como um dos grandes entraves da educação, e que em sua maioria reproduz o conhecimento, desvalorizando as vivências e experiências dos alunos. Após o levantamento de todas as questões pertinentes ao desenvolvimento da temática, destacamos as opiniões e sugestões dos professores, estes grandes responsáveis pelo desenvolvimento do processo de elaboração de conhecimento. Outro elemento fundamental que esse estudo buscou, foi o de evidenciar a relação do aluno no grupo, visando à elaboração coletiva do conhecimento e a relação dialógica entre a criança e o professor. Esse estudo, portanto, remete-nos a uma proposta de ensino-aprendizagem significativa entre o sujeito-aprendiz e o objeto de conhecimento, mediatizada pelo professor, onde a leitura e a escrita devem ser pensadas como um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de conhecimento, de modo a favorecer o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Palavras-chave:

Portadores sociais de textos – leitura – escrita – aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I. A elaboração da leitura e escrita nas fases iniciais da aprendizagem.....	20
CAPÍTULO II. O processo de aquisição da leitura.....	24
2.1 Oralidade.....	24
2.2 Escrita.....	25
CAPÍTULO III. Funções sociais da leitura.....	30
3.1 Leitura de ação e contato.....	32
3.2 Leitura de informação.....	33
3.3 Leitura de entretenimento.....	33
CAPÍTULO IV. Dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e escrita.....	35
CAPÍTULO V. Leitura e escrita na perspectiva dos professores.....	40
CAPÍTULO VI. Refletindo sobre os saberes e dificuldades da leitura e escrita com os portadores sociais de textos.....	47
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE.....	60

INTRODUÇÃO

*“A vida parece particularmente difícil
para o leitor iniciante.”.*

Frank Smith

Esta investigação teve como objetivo incentivar a leitura e escrita nas séries do Ensino Fundamental através dos Portadores Sociais de textos. Ela teve como motivação um encontro com os professores das séries iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nivaldo Gomes de Sá, Aparecida-PB.

Parte-se do princípio de que nos últimos anos presenciamos uma nova compreensão do processo de leitura e escrita. Tal modificação que tem sua principal e essencial origem numa nova concepção do papel da criança na vivência desse processo, uma vez que atualmente a criança é reconhecida como sujeito ativo, capaz de aprender a ler e a escrever, bem como fazer uso dessas habilidades, através da interação rica e diversificada com esse objeto de conhecimento que é a língua escrita.

Essa mudança de concepção a respeito da aquisição da língua escrita vem se refletindo na prática escolar, o que nos levou a questionar os métodos de ensino, os materiais didáticos e as ações pedagógicas adotadas na escola. Diante desse contexto, buscamos analisar os conhecimentos lingüísticos e pedagógicos dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola "Nivaldo Gomes de

Sá”. E quais orientações pedagógicas os mesmos têm acerca dos aspectos relevantes do processo de ensino aprendizagem?

Sabemos que dentre as funções da Escola, uma que se destaca como essencial é a formação do educando para a vida; a de formar leitores e construtores de textos, e que a escola por sua natureza social e pedagógica deve levar as novas gerações à apropriação da cultura e do saber sistematizado. No entanto, as práticas convencionais, tais como a utilização do livro didático como um fim em si mesmo, os métodos tradicionais de ensino, entre outros que, infelizmente, ainda ocorrem, levam a que a expressão escrita se confunda com a possibilidade de repetir fórmulas estereotipadas; fora do contexto, apenas com a função de reproduzir informações.

Compreendemos que o processo de aprendizagem tem início anterior à escola e não termina ao finalizar as primeiras séries escolares. Nessas condições surge a necessidade da seguinte reflexão: que métodos de ensino (analítico/sintético) os professores utilizam em sua prática docente?

O professor tem especial importância no desenvolvimento do processo de elaboração da língua escrita, pois em contato direto e constante com os alunos, melhor os conhece e pode conduzir esse processo de aprendizagem. Desse modo, foi oportuno indagar, quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores do ensino fundamental em relação à leitura e escrita? E de que modo ele possibilita a criança a constatar a função social da escrita, já que os mesmos devem superar o ensino ministrado mediante métodos conservadores de aulas essencialmente expositiva que torna a aprendizagem cansativa e pouco atraente para o educando?

Portanto, todo professor do Ensino Fundamental deve ter como objetivo formar leitores críticos, pois, espera-se que todo aluno consegue tornar-se um bom leitor, o que lhe dará oportunidade de continuar, na escola, a aprendizagem através da gramática, jornais e revistas que vier a ler, e se desenvolverá muito mais como cidadão.

Em função disso, nos propomos a estudar os "Portadores Sociais de Textos", com intuito de propor ao leitor outros níveis de conhecimento que se interajam entre si, considerando a leitura como um processo interativo.

Sabemos que a prática da leitura e escrita proporciona ao aluno elevar seu lado crítico, reflexivo, independente do contexto escolar, permite ainda compreender e valorizar melhor cada momento do aprendizado.

A criança convive com a escrita por todos os lados quando sai pela cidade depara-se com leitores, placas de ruas, jornais, revistas, cartazes de propagandas no comércio, com rótulos dos produtos nos dão informações como também a televisão. A criança desde cedo é letrada antes mesmo de estar alfabetizada.

Diante desse contexto, o professor precisa dar oportunidades variadas e enriquecedoras para interajam com a linguagem oral e escrita, lendo ou escrevendo nas mais diferentes situações de comunicação, mesmo que elas não os façam convencionalmente. Desse modo, garante que a aprendizagem seja direcionada para a formação de leitores e produtores de textos

competentes, considerando aspectos que fazem parte do processo inicial de alfabetização.

Neste sentido, concluímos a importância desse trabalho, uma vez que representou uma tentativa de colocar em prática uma reflexão sobre o tema "Incentivando a Leitura e Escrita através dos Portadores Sociais de Textos", junto aos professores e as demais pessoas que se interessarem por este.

Este trabalho é composto da seguinte forma:

No Capítulo I, A Elaboração da Leitura e Escrita nas Fases Iniciais da Aprendizagem, começaremos a discussão sobre o processo de ensino, ancorados nas teorias de FERREIRO, IÓRIO, TEBEROSKY, partindo de uma reflexão, sobre a escola, a sala de aula e a forma de como ocorre o processo da leitura e escrita, através dos portadores sociais de textos.

No Capítulo II, O Processo de Aquisição da Leitura, apresentaremos uma breve fundamentação teórica sobre a forma de como se dá o processo de aquisição da leitura através da oralidade e da escrita.

O Capítulo III, Funções Sociais da Leitura, apresentaremos as funções da escrita dentro do contexto social, e de algumas práticas pedagógicas, utilizadas como alternativa para o processo de ensino-aprendizagem.

No Capítulo IV, Dificuldades no Processo de Aprendizagem da Leitura e Escrita voltaremos nossa atenção e reflexão, para os métodos de ensino, as propostas e práticas pedagógicas que dificultam a aprendizagem.

No Capítulo V, são expostas às análises dos dados coletados, através do questionário. Tal instrumento de pesquisa nos ajuda a descrever algumas das dificuldades de aquisição da leitura e escrita através dos Portadores Sociais de Textos, desses sujeitos de nossa pesquisa.

Por último, no Capítulo VI, relatamos toda nossa experiência e reflexões acerca do estágio, analisados a luz do referencial teórico utilizado. Nesse instante descrevemos momentos importantes, os quais nos deram oportunidade de observar o desenvolvimento e progresso da turma em relação à leitura e escrita, e reavaliar nossa prática educativa ao passo que analisávamos a forma como os alunos se sobressaiam a cada nova proposta de estudo

Desta forma, e delineado nosso trabalho, tecemos algumas considerações acerca da trajetória desenvolvida neste trabalho, a qual possibilitou muitos questionamentos e reflexões, mas, sobretudo, possibilitou-nos reunir conhecimentos, análise e reflexões sobre as dificuldades de leitura e escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“A pesquisa não pode ser o produto de um observador prestado fora das significações que os indivíduos atribuem aos seus atos deve, pelo contrário ser o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas.”

CHIZZOTTI

A presente pesquisa caracteriza-se como sendo de caráter descritivo com abordagens qualitativa. Ela surgiu para atender as necessidades específicas identificadas junto aos professores com relação à leitura e escrita através dos portadores sociais de textos.

Esta investigação foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nivaldo Gomes de Sá, através de questionário constituído de perguntas objetivas e subjetivas para coleta de dados, o mesmo foi elaborado com base na temática, visando através de observação, comparação, pesquisa, elaboração de hipóteses, estímulos à leitura, produção de texto e conclusão, analisar as dificuldades buscando soluções viáveis para minimizar as dificuldades enfrentadas no processo ensino-aprendizagem.

É fundamental afirmar que o professor é o mediador que busca intensificar e coordenar todo o processo educativo, através da reflexão, análise, oportunidade de diálogo, respeito à liberdade de escolha, reconhecimento da importância e individualidade de cada um.

A escolha da abordagem qualitativa para o desenvolvimento dessa pesquisa, partiu do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo e os sujeitos que atuam e contribuem para o seu desenvolvimento, ou seja, o conhecimento não se reduz a um conjunto de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. O sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimentos e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhe um significado.

Os dados foram coletados mediante realização de questionário, elaborado com questões objetivas e subjetivas, à medida que os professores responderam as questões, permitiram dar vazão aos seus pensamentos, assim como aprofundarem e questionarem a elaboração da leitura e escrita nas fases iniciais da aprendizagem, a forma de como o processo da aquisição da oralidade e escrita está interligada, bem como as funções sociais que os diversos portadores de textos que circulam na sociedade apresentam e contribuem para uma apropriação significativa da leitura e escrita, no decorrer desse processo buscamos analisar as dificuldades de leitura, compreensão e produção de textos.

A coleta de dados teve continuidade com a realização do estágio que se deu a partir das atividades selecionadas e aplicadas junto aos alunos da referida escola.

**CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
“NIVALDO GOMES DE SÁ” – CAMPO DE PESQUISA**

Pesquisa realizada na Escola Municipal do Ensino Fundamental “Nivaldo Gomes de Sá”. Localizada no Sítio Várzea do Cantinho, Distrito de Aparecida-Pb, fundada em 1994 pelo Decreto de Lei Nº. 8.069/90, no Governo Municipal do Dr. Mauro Abrantes Sobrinho na Cidade de Sousa, criada a partir de uma Escola que funcionava na Associação Comunitária de produtores rural da várzea do Cantinho, onde era ministrada aula do ensino fundamental. Na época, conhecida como “Escola Isolada” passando a “Escola Reunida”.

A partir do ano de 1994, foi construído o Grupo Escolar de Primeiro Grau “Nivaldo Gomes de Sá”, sendo que, como a reforma do ensino através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de Nº. 9.394/96 a Nova LDB passa-se a denominar Escola Municipal do Ensino Fundamental “Nivaldo Gomes de Sá”. Em homenagem a um político da região.

Esta escola é estruturada com duas salas de aula, uma diretoria, uma biblioteca, dois banheiros, sendo um masculino e um feminino, uma cozinha e um depósito onde ficam guardados os produtos de limpeza.

As salas são amplas e arejadas. Na cantina, encontra-se um fogão de duas bocas, um botijão dois filtros. Um mimeógrafo a álcool, um arquivo e um birô, fazem parte do material permanente.

No ano letivo de 2005, a Escola funcionava com salas multisseriadas, 37 alunos distribuídos da seguinte forma: a Educação Infantil com 12 alunos, a 1ª série com 13 alunos, a 2ª com dois alunos, a 3ª com 5 alunos e a 4ª com quatro alunos, sendo 24 do sexo masculino, 12 do sexo feminino.

A faixa etária referente ao ano citado é de: Educação Infantil com cinco anos, a 1ª série de seis a oito anos, a 2ª série de 9 a 10 anos, a 3ª série de 11 a 12 anos e a 4ª série de 13 a 14 anos.

Sabendo que a reprovação foi de alunos, aprovação de 28, a transferência de 1 aluno, a Escola conclui o ano letivo com 35 alunos.

Em 2007, foram matriculados 56 alunos, sendo distribuídos da seguinte forma: a Educação Infantil com 18 alunos, a 1ª série com 21 alunos, a 2ª série com 15 alunos, a 3ª série com oito alunos e a 4ª série com quatro alunos.

Atualmente a Escola conta com uma Equipe Técnica Pedagógica de apoio formada por seis funcionários, sendo três professores, uma diretora, um secretário, uma merendeira, um auxiliar de atendendo a uma turma de 56 alunos no sistema multisseriado do ensino, ou seja, da 2ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Alunos, de classe baixa, filhos de agricultores e de pais do MST (Movimento dos Sem Terra), residem na zona rural à maioria desloca-se para a Escola no ônibus da Prefeitura, fazendo um percurso de três kma outra parte, deslocam-se de veraneio, fazendo um percurso de 2 km.

A referida Escola recebe recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, que vem do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental – FNDE, através da Prefeitura, porque o número de alunos é insuficiente para formação de um Conselho Escolar. Por isso a verba destinada a Escola é repassada através de um Conselho Informal que junto com a prefeitura decide o que fazer, no qual os administradores participam das decisões.

Hoje, a Escola está com seu Projeto Político Pedagógico, em construção e toda equipe técnica e professores estão engajados para realizar uma proposta pedagógica eficiente e eficaz. A equipe técnica desenvolve o “Projeto de Leitura” que é discutido em cada final início de mês, nos encontros pedagógicos, onde o mesmo é avaliado, refletido e questionado quanto a sua aplicação e suas contribuições para o desenvolvimento de cada turma. Através do Projeto, os professores e a equipe levantam hipóteses, buscando soluções para o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias à formação do cidadão.

A falta de água, de recursos áudio visual, e poluição sonora, são elementos que contribuem para que a Escola enfrente alguns obstáculos. Preocupada com concepção de gerar e colaborar com a integração e construção da aprendizagem dos alunos, professores, funcionários e comunidade tem se doado para que o trabalho corresponda às necessidades e alcance os objetivos estabelecidos.

A Escola trabalha com a filosofia de que o aluno é um ser ativo, que constrói o seu próprio conhecimento e desenvolve a sua inteligência. O professor não é o dono do

saber mais o orientador, o mediador, o viabilizador do processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação é feita de forma contínua, trabalhando da seguinte forma: o aluno é o avaliado através de sua participação nas atividades escritas, culturais, artesanais, individuais e coletivas, outro processo utilizado é a verificação escrita da aprendizagem. (quantitativa/qualitativa)

O horário de rotina desta Instituição é diurno, das 7h às 11h e 10m. Quanto ao relacionamento equipe pedagógica e a comunidade é excelente com grande integração entre as mesma, os pais sempre estão presentes nas ações e desenvolvimentos dos projetos escolares.

A divisão dos bimestres é feita de seguinte maneira: o 1º bimestre corresponde ao mês de fevereiro e março, 2º bimestre é de maio a junho, o 3º bimestre é de julho a setembro e o 4º bimestre é de outubro a dezembro, correspondendo a uma carga horária de 200 dias letivos.

Infra-estrutura:

A pesquisa realizada na E.M.E.F. "Nivaldo Gomes de Sá", demonstra que a mesma trata-se de uma escola pequena de poucas dependências, nela não tem espaço adequados para os alunos desenvolverem atividades físicas e recreativas. Seu estado de conservação é crítico, de péssima qualidade , logo que as paredes não são rebocadas motivo de pequenos acidentes com os alunos.

Quanto à cantina, funciona com um bom atendimento, o espaço é suficiente, para a quantidade de alunos, agora no momento o espaço está reduzido, uma parte está reservada para guarda recipientes com água. A merenda é servida de acordo com um cardápio variado. Não há bebedouros, apenas filtros que insuficientes para os alunos. A Escola dispõe da biblioteca que possibilita a pesquisa dos alunos matriculados ou de outras Escolas, a maioria dos alunos aproveita o intervalo para lerem os livros paradidáticos, gibis e outras fontes de informações.

As salas de aula são grandes e arejadas, com espaço suficiente para os professores desenvolverem suas atividades e comportar todos os alunos, um fator negativo é a falta de reboco nas paredes para que o professor possa expor os trabalhos realizados pelos alunos.

A estrutura do espaço, as formas como os materiais estão organizados, a qualidade e adequação deles são elementos de um projeto educativo.

Equipamentos e Materiais Pedagógicos:

Com relação aos equipamentos e materiais pedagógicos a escola deixa a desejar, necessitando de: televisor e vídeo, armários para salas de aulas, arquivo, liquidificador, estantes, freezer e aparelho de som.

Planejamento de Ensino:

O planejamento de ensino é a etapa mais importante do Projeto Pedagógico, porque é nele que as metas são articuladas, as estratégias são ajustadas às possibilidades reais e deve estar presentes em todas as atividades escolares.

Existem três tipos de planejamento escolar: o plano de curso, o plano de ensino e o plano de aula. O planejamento de ensino tem objeto de constantes indagações quanto a sua validade, como efetivo instrumento de melhoria qualitativa do trabalho do professor.

A Escola é assistida por uma equipe técnica formada por seis supervisores que fazem encontros mensais no primeiro sábado do mês, acompanhando o planejamento didático, orientando, dando sugestões e refletido sobre as propostas apresentadas para as atividades pedagógicas. A filosofia de ensino da equipe é que o aluno é o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem, fazendo-o sujeito da ação pedagógica partindo das carências identificadas, oferecendo condições para realização e motivação do ensino através da teoria e da prática, facilitando dessa forma a aquisição da aprendizagem.

CAPÍTULO I

A ELABORAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NAS FASES INICIAIS DA APRENDIZAGEM

“Dominar a técnica da escrita e da leitura é como manejar um microscópio: abrem-se diante de nós novas imagens, novos fatos, novas estruturas e relações do mundo.”

Bárbara Freitag

O processo de aprendizagem tem sido objeto de pesquisa de diferentes teóricos: FERREIRO, IÓRIO, TEBEROSKY, entre outros. Muito já se avançou quanto à compreensão do processo pelo qual passam os aprendizes da língua escrita.

O ensino das séries iniciais encontra-se ancorado nas teorias construtivistas e sociointeracionista, o mesmo busca organizar uma prática pedagógica consciente, consistente e reflexiva que coloca o aprendiz da língua em constante situação de desafio e o professor se coloca como mediador nesse processo: Neste sentido afirma FERREIRO (1999, p.32).

“Nenhuma aprendizagem conhece um ponto um ponto de partida absoluto já que por mais novo que seja o conteúdo a conhecer, este deverá necessariamente ser assimilado pelo sujeito e conforme os esquemas assimilados será mais ou menos deformante.”

A escola deve ser um espaço planejado para transmissão de conhecimentos, de forma crítica e construtiva, vinculadas ao saber que o aluno traz e ao que é necessário para seu desenvolvimento.

A heterogeneidade se manifesta em vários setores de conhecimento e de habilidades. Com relação à leitura, sabemos que esse processo dar-se-á em todos os momentos da escolarização. Assim, na construção da aprendizagem, a leitura e a escrita são processos complementares, simultaneamente trabalhados na sala de aula.

O objetivo da leitura, não é o de levar o aluno a decifrar, mas sim compreender e obter significado daquilo que é lido. Nesse sentido, quanto mais informações a criança tem acerca do que irá ler, mais possibilidade terá de alcançar maior compreensão. Desta forma salienta IÓRIO (2001, p. 22).

“... a prática de ensino da língua, nas escolas em geral, tem priorizado unicamente o aprendizado de código, por entender que sabendo o código, ou seja, apenas decifrando-o, o indivíduo conseguirá enviar e receber mensagens de forma satisfatória.”

Conforme nos alerta a autora a ação educativa não é algo pronto e definido, pelo contrário, suscita muitos questionamentos e reflexões dos professores sobre a realidade e o acompanhamento do educando em sua trajetória do conhecimento.

Portanto, ensinar é um processo interativo através do qual educando e educadores aprende sobre si mesmo e sobre a realidade escolar. Sendo necessário converter os métodos tradicionais em métodos investigativos de interpretação das diferentes situações da aprendizagem não se baseando apenas na memorização.

A escola sendo a instituição que tem a incumbência de ensinar a ler vem definindo a leitura e escrita de modo bastante estático e mecânico confundindo o processo de ler em um simples reconhecimento de palavras e páginas impressas reduzindo a

leitura a um ato mecânico de decifrar letras. Nesta perspectiva IÓRI (2001, p.88) destaca:

"O livro didático, em geral assim como as cartilhas, ignoram as diferenças regionais (grupais) individuais, pois coloca como modelo a ser seguido exclusivamente o que ele apresenta, minimizando o papel do professor e do aluno como sujeito do ensino e da aprendizagem."

A autora nos alerta que uma das principais críticas aos métodos tradicionais do ensino deriva da falta de contextualização dos materiais didáticos que, além de trazerem textos estereotipados enquanto forma, têm geralmente um conteúdo distante e infantilizador. Um dos problemas dessa distância que se cria entre o conteúdo do livro e a sala de aula é a valorização do cotidiano do aluno. Suas experiências e descobertas são geralmente desconsideradas nas situações irrealistas ou idealizadoras das cartilhas.

Para modificar esta situação é urgente que a Escola redefina o conceito de leitura colocando a criança em contato com bons livros e com a grande diversidade de textos que circulam na sociedade. Segundo IÓRIO (2001, p.87), *atividades de oralidade, leitura e escrita dos portadores de textos permitem a intertextualidade, onde um texto faz referência a outros textos comentados, lidos ou escritos.*

Atividades com portadores de texto proporciona oportunidades para o aluno fazer uso da oralidade em situações diversas, distinguindo suas variedades e funções, formando leitores competentes da língua oral, não apenas ensinando a forma correta de falar, mas dando-lhes recursos para os mesmos selecionar as expressões mais adequadas às diferentes situações de comunicação, logo que o texto não é

único, não está fechado em si, em todo texto deve existir uma interação entre leitor/autor, bem como uma relação com outros textos (a intertextualidade) com a experiência do leitor e sua vivência.

A valorização da leitura pelo professor é fundamental para que a criança adquira o hábito de ler, percebendo que através das histórias lidas ela pode vivenciar aventuras maravilhosas, conhecer lugares e modos de vidas distintos.

CAPÍTULO II

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA

2.1 ORALIDADE

A aprendizagem está fundamentada numa realidade que permeia todo nosso cotidiano: a realidade da linguagem. É na linguagem que estabelecemos todas as nossas relações com o mundo e, é com ela que nos formamos como sujeitos no mundo. Portanto a linguagem é um fator social e histórico.

A criança se expressa verbalmente no seu contexto familiar, e, quando ingressa na escola, a mesma se depara com outras crianças, e tem de fazer uso da linguagem oral para se adaptar. Ela será o instrumento por meio do qual se efetivarão tanto a interação professor-aluno e aluno-aluno, quanto o processo de ensino-aprendizagem. Segundo KLEIMAN (1998, p.23).

A leitura é entendida como interlocução, tal quais outras atividades de linguagem, só que à distância, então aqueles aspectos que diferenciam a interação oral da escrita e que permitem, de certa maneira, um enfoque que toma o texto como um conjunto de palavras, passa a ter uma relevância menor.

Contudo a criança através da interação e da troca de experiências desvendará o sistema da escrita e entenderá o domínio da fala para novas situações e contextos, inclusive os mais formais e públicos de uso da linguagem oral. Dessa forma, o ato da leitura e escrita suscita a interação verbal (oralidade) do aluno com a escrita.

Nesta perspectiva cabe ao professor facultar a participação dos alunos na sala de aula através da implementação de situações que incentive a oralidade, para que os mesmos possam adquirir e desenvolver a capacidade de interagir verbalmente segundo as regras de convivência dos espaços sociais e públicos.

O desenvolvimento da oralidade inclui não apenas a capacidade de falar, mas também a capacidade de ouvir com compreensão. Essa capacidade é crucial para a plena participação do cidadão na sociedade: é preciso saber e entender o jornal da TV e do rádio, as entrevistas e declarações de políticos e governantes, as demandas e explicações dos companheiros e superiores no trabalho. (Pró-letramento 2006, p.56)

Portanto, como objeto de ensino, a linguagem oral tem um papel estratégico: e, ao mesmo tempo, é instrumento de ensino do professor e da aprendizagem do aluno e também apresenta formas públicas (novos gêneros) que os alunos não dominam, mas, que serão inseridos no processo de construção da aprendizagem.

2.2 ESCRITA

A compreensão da escrita mostra sua relevância, quando parte da reflexão sobre a aprendizagem dos alunos nas séries iniciais, o qual buscam entender a escrita como um sistema de representação que mediatiza a ação do homem no mundo, e que, portanto, é produzido nas diferentes práticas sociais ao longo da história. TEBEROSKY (1992, p.65) coloca que, *a escrita é um objeto social cuja presença e funções ultrapassam o marco escolar e porque a criança é um sujeito ativo e construtivo do seu conhecimento.*

A criança no início de sua escolarização traz na sua vivência dos anos anteriores experiências com textos. Alguns possivelmente, já lêem, atribuindo sentido a algumas palavras impressas. Outros distinguem letras, números e outros signos. E mesmo aqueles para os quais tudo o que está impresso – sejam letras, números ou signos – é escrita. Contudo a criança nessa fase não estabelece nenhuma relação entre a linguagem escrita, ou entre fala e escrita. Segundo TEBEROSKY (1992, p.70), *a escrita é um sistema que institui suas próprias regras, suas próprias normas e convenções, que se requer um acordo social tanto para sua constituição quanto para sua destituição.*

A linguagem escrita, ou seja, a escrita e seus aspectos discursivos apresenta características próprias nos diversos tipos de textos que circulam na sociedade, seu domínio se desenvolve de forma processual, por meio de um longo trabalho interno de construção de hipóteses a respeito do que é escrita e como se escreve.

Os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky defendem que o aprendizado da língua escrita se dá por etapas não fixas e não lineares. Portanto através de dados coletados e analisados em sua pesquisa com crianças de 4 a 6 anos de CM e CB definem cinco níveis sucessivos do processo de aquisição da escrita.

Nível 1 – Pré-silábica - Neste nível, *escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma.* As crianças produzem risco/ou rabiscos típicos da escrita que a criança tem como forma básica (modelo de letra cursiva ou de imprensa).

Nível 2 – Hipótese-Silábica. *Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas. É uma subfase do nível 1, porém mais evoluída onde a criança começa a grafar algumas sílabas completas.*

Nível 3 - Silábico – Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um *valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. A criança chega à hipótese de que a escrita representa a fala, ou seja, faz a correspondência da escrita com a fala.*

Nível 4 – Silábico-Alfabético – *Passagem da hipótese silábica para a alfabética... A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima (ambas as exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). A criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é composta de elementos menores, ela procura acrescentar letras ao descobrir que uma letra por sílaba não funciona.*

Nível 5 – Alfabética – *a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido escrito. A criança atingi a compreensão do sistema de representação da língua escrita.*

Partindo do ponto de vista de FERREIRO e TEBEROSKY, a criança utiliza diferentes códigos verbais, visuais, gráficos, os quais se lhe antecipa, e que, paulatinamente, vão se constituindo em algo concreto, ao longo das experiências escolares vivenciadas.

Ainda sobre a questão, afirma FERREIRO (1999, p.134):

A escrita não é vista como uma reprodução rigorosa de um texto oral, e sim como a representação de alguns elementos essenciais de texto oral. Em consequência, nem tudo está escrito. A escrita serve para provocar um ato oral que pode ser, então, senão uma construção a partir dos elementos indicados na escrita.

A escrita deve surgir a partir do interesse e curiosidade natural da criança. E esta se manifesta pelo desejo que a criança tem de descobrir, reconhecer e utilizar os sinais gráficos com que constantemente se depara. Mas é importante que a criança saiba qual é o objetivo da escrita, pois ela só tem valor educativo quando a criança já sabe o que está escrevendo; quando tem condições de antecipadamente, dizer o que irá escrever. Logo, compreender a apropriação da escrita como processo que envolve entendimento de que a criança passa por diferentes etapas até chegar ao domínio da linguagem oral e da escrita.

Nesta perspectiva, a elaboração da leitura e da escrita deve estar fundamentada tanto na busca do sentido, quanto na organização sistemática do conhecimento. Para isso, é preciso que a criança descubra as relações entre a fala e escrita, as características e particularidades da escrita e do sistema alfabético. Ou seja: os aspectos fonéticos, sintáticos e semântico da língua.

A sistematização dos aspectos lingüísticos da escrita deve levar em conta, de forma simultânea, seus diversos componentes estruturais (letra, palavras, sílabas e textos), e os aspectos funcionais (tipos de textos, usos e funções da escrita), assim como aspectos semânticos. Dessa forma, os conhecimentos lingüísticos possibilitará ao aluno reflexão sobre aspectos da língua e da linguagem relevantes tanto para o desenvolvimento perfeito da oralidade e da escrita quanto para capacidade de analisar fatos da língua e da linguagem.

Portanto, a redefinição do papel da escrita visa superar as dificuldades e nomear melhorias do processo educativo, com base em tal contexto e reflexões coletivas acerca da apropriação da escrita que se dá a partir do conhecimento prévio do aluno, e das evoluções de experiências sistematizadas em sala de aula.

CAPÍTULO III

FUNÇÕES SOCIAIS DA LEITURA

Acreditamos que o professor é quem cria, planeja, inventa situações e atividades de forma que as crianças aprendam a ler e a escrever. E isto é radicalmente diferente de ensinar a ler e a escrever.

Ana Teberosky

A leitura e a escrita dentro do contexto educacional e social é uma necessidade que todos temos. Ela é, portanto, um direito social. Diante dessa premissa, os alunos tem o direito de aprender a leitura e escrita para posteriormente ter acesso a qualquer tipo de informações, a resolver questões do dia-a-dia e a viver no mundo da comunicação. Podemos destacar três funções sociais da leitura: leitura de ação e contato social, leitura de informação e leitura de entretenimento. Segundo (ORLANDIR, 1998 apud CORACINI, 1995, P.95).

Quando lemos estamos produzindo sentido (reproduzindo-os ou transformando-os) Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada.

O ato de Ler é complexo envolve interação a distância entre leitor e autor, via texto. Portanto, dizemos que a leitura requer um leitor ativo que compreenda o texto, reflita sobre o mesmo, dando significado ao seu mundo e a realidade. A leitura oral ou escrita tem funções variadas e dominá-las proporciona ao usuário condições de exercer sua cidadania. De acordo com KLEIMAN (1998, P.10):

(...) ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Neste sentido, fica evidenciado que a linguagem articula-se com o pensamento e ação do sujeito possibilitando à comunicação, a expressão de opiniões, a demonstração de emoções, influenciando e estabelecendo relações interpessoais.

A leitura e a escrita devem vivenciadas como meios de comunicação necessários à interação social. Por isso a Escola deve viabilizar o acesso do aluno ao universo de textos que circulam na sociedade dando ênfase a seus diferentes usos e funções. Segundo KLEIMAN (1998, p.35).

O professor deve propiciar contextos a que o leitor deva recorrer, simultaneamente, a fim de compreendê-lo em diversos níveis de conhecimento, tanto gráficos, como lingüísticos, pragmáticos, sociais e culturais. O processamento interativo corresponde ao uso de dois tipos de estratégias, segundo as exigências da tarefa e as necessidades do leitor: aquelas que vão do conhecimento do mundo para o nível de decodificação da palavra.

A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligado às condições para a leitura. Portanto os professores devem propor a leitura de textos diversos (jornalísticos, literários, texto de divulgação. Humorísticos, publicitário, etc.), pois ao colocarmos a criança em contato com diversos usos da escrita, possibilitamos a compreensão para que se escreve e para que se lê. A contextualização dos textos selecionados é fundamental para a construção do significado do que é a leitura e escrita. De um significado que ultrapasse o caráter meramente escolar. Segundo KLEIMAN (1998, p.10), *para construir um contexto de aprendizagem mediante a, interação, o aluno deve*

conhecer a natureza da tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância.

Nesse sentido, a aprendizagem ocorre através das mensagens que vão sendo diferenciados pela criança a partir da percepção de suas funções, ou seja, aos poucos, a criança irá perceber que a estrutura da escrita dos diferentes textos, varia de acordo com suas finalidades. Assim, uma notícia de jornal tem estrutura diferenciada da estrutura de um bilhete, como receita de bolo diferencia-se de uma carta ou de um texto narrativo e assim por diante.

Ainda com a intenção de desenvolver as competências comunicativas dos alunos, procuramos fazer um estudo sobre os tipos de textos que circulam em nossa sociedade.

3.1 LEITURA DE AÇÃO E CONTATO

Por muito tempo entendeu-se como leitura apenas a compreensão de textos escritos, a leitura da palavra. Hoje, temos uma noção mais ampla do conceito de leitura. Sabemos que este é um processo contínuo, que se dá de infinitas maneiras em nossa vida: lemos o mundo que nos cerca, através de símbolos que são utilizados conforme convenções socialmente estabelecidas lemos os rótulos neles contém informações essenciais para criar no leitor a necessidade de adquirir um produto, lemos as placas e sinais de trânsito para nos orientar.

3.2 LEITURA DE INFORMAÇÃO

Escritos com a intenção de informar o leitor, esses textos sempre trabalham fatos ligados à realidade. Com conteúdos científicos, técnicos, históricos, temos como exemplos: os jornais, as revistas e o noticiário, etc.

Como na vida a quantidade de informações é imensa, também é extremamente variada a linguagem desses textos para fins didáticos, tem como objetivo central informar fatos ao leitor. Ocupa um grande espaço na vida moderna.

3.3 LEITURA DE ENTRETIMENTO

São textos que apresentam em sua estrutura narrativa mensagem icônica e mensagem lingüística, tem a intenção de entreter, como no caso das revistas em quadrinhos, que se caracteriza por combinar a imagem com texto escrito, a linguagem utilizada é econômica, ou seja, as frases são curtas. Outro recurso muito utilizado refere-se as onomatopéias (palavras que procuram representar algum tipo de som ou ruído). Elas enriquecem os quadrinhos, reforçando as idéias de barulho e movimento. Nesse tipo de narrativa, os traços fisionômicos dos personagens caracterizam os sentimentos de alegria, tristeza, dor raiva, medo, etc.

Podemos encontrar nos livros de ficção, outro tipo de leitura de entretenimento. A seqüência narrativa é um aspecto importante para a análise de qualquer história. Ela indica como fatos que suscitam as ações das personagens estão desencadeando em ordem, na qual as partes se relacionam de maneira casual e coerente. O

desenvolvimento desse tipo de leitura implica um conflito, um problema e suas conseqüências. O desfecho é a resolução.

CAPÍTULO IV

DIFICULDADES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

É uma questão de dosagem e de filtragem certa, excesso de informação pode soterrar, sua escassez pode fazer definhir as estruturas do pensamento.

Bárbara Freitag

Diversos estudos foram realizados em relação às dificuldades enfrentadas pelos professores para a aquisição da leitura e escrita. Desse modo é fundamental refletirmos sobre a forma como praticamos o ato de ler e escrever, para podermos esclarecermos e analisarmos os pontos negativos ou as deficiências que norteiam esse processo. Iniciaremos analisando os métodos de ensino adotados pela maioria das escolas brasileiras, considerado atualmente como a grande entrave da educação. O ensino tradicional. Esse resulta da falta de contextualização e dos materiais didáticos que além de trazerem textos estereotipados enquanto forma, têm geralmente um conteúdo distante e infantilizador, este método de ensino tem o livro didático como o principal mediador para o ensino. Para CORACINI (1995, p.114)

Não é raro editoras brasileiras oferecerem as escolas públicas "amostra grátis" do material disponível no mercado, induzindo o professor a adotar aquele material, sem uma avaliação prévia da qualidade e adequação dos livros adotados.

Um dos grandes impasses que acompanha os livros didáticos é a distância que se cria entre o conteúdo do livro e a sala de aula, a desvalorização do cotidiano do

aluno, suas experiências e descobertas são geralmente desconsideradas nas situações irreais e idealizadoras dos livros, estes que são adotados sob critérios econômicos de alguns estados, cidades ou municípios, sem que os professores discutam, reflitam e análise sua propostas metodológicas.

Gostaríamos de trazer novamente CORACIN (1995, p. 117),

O contexto escolar não conseguiu, ainda, abrir mão do paradigma "transmissão de conhecimento via livro didático" e a questão, talvez, não esteja em "abandoná-lo" simplesmente, mas, sim, em questionar essa ordem paradigmática que coloca o livro didático enquanto fonte única, universal de referência para a sala de aula.

O livro didático ainda é considerado como senso comum, algo estável e imutável, que reproduz o conhecimento, um objeto completo, que tem fim em si mesmo, ou seja, o livro não privilegia as ações, os contextos significativos, o conhecimento prévio que as crianças trazem ao entrar na escola. Portanto, deve servir como um subsídio adotado pelo professor, um recurso flexível, onde o mesmo, através de leitura e reflexões, possa adequar às propostas metodológicas pertinentes as peculiaridades de sua turma, ou seja, o livro não pode ser adotado como um detentor único de conhecimento.

Dentre os fatores que colaboram com as dificuldades de processo de leitura e escrita, estão os textos, estes considerados como eixo no trabalho da língua. De acordo com KLEIMAN (1998, p.16):

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas conseqüências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. "Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar

português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola.”

Para a maioria das escolas, os processos de aquisição da leitura e a escrita são definidos de modo estático e mecânico, a um simples reconhecimento de palavras e páginas impressa, reduzida à mera decifração e decodificação de letras. Desse modo, ficou perpetuado na concepção da população que a escola através do ensino da gramática é a única detentora do conhecimento, o único meio de ascensão social. Segundo CORACINI (1995, p.18):

As posturas teóricas que privilegiam o texto como portador de sentido se revela na escola, em nível consciente ou inconsciente, no tratamento que se dá ao texto em qualquer disciplina curricular: um objeto uno, completo, que tem um fim em si mesmo. O texto constitui, na escola, o lugar instituído do saber e, por isso mesmo, funciona pedagogicamente como objeto onde se inscreve, objetivamente a verdade que parece atemporal e definitiva...

Nesta perspectiva o professor é considerado, o dono do conhecimento. Ele seleciona os textos de acordo com a seqüência didática do livro, não levando em consideração, os anseios e conhecimento dos alunos, impossibilitando aos mesmos, levantar hipóteses, questionar, comparar, apontar soluções e construir seus próprios conceitos.

Ainda sobre a questão diz KLEIMAN: (1998, p.20).

Uma outra prática muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leitura dispensáveis, uma vez que nada modificam a visão de mundo do aluno.

Aprender a ler, não é apenas transcrever a linguagem oral para a escrita, não se trata apenas de decifrar palavras. Os alunos através desse processo devem analisar

e refletir sobre os indicadores disponíveis, isto é, os elementos do texto, construir procedimentos e encontrar formas de representar graficamente o que ler. De acordo com KLEIMAN (1998, p.16):

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque não faz sentido.

Entre outras práticas que dificultam a construção do conhecimento do aluno, está a interpretação. Sobre este assunto abordado KLEIMAN (1998, p.21) diz:

A atividade de "interpretação" precede à leitura. O professor queima a etapa da leitura: assim, ele não pergunta sobre a opinião do autor, mas imediatamente sobre a opinião do aluno: "o que você acha" substitui perguntas como "o que o autor acha", "você acha que o autor está certo?", "você discorda ou está de acordo com o autor"?

Os alunos devem compreender a interpretação, não apenas de acordo com sua perspectiva e opinião, mas analisar o que o autor quer transmitir ou esclarecer, sobre o texto, ou seja, partindo do que lhes é ensinado o aluno poderá concordar ou discordar, construindo dessa forma, seu entendimento sobre o assunto. Desta maneira ele reflete sobre a linguagem, desenvolvendo competências discursivas, para falar, escutar, ler, escrever nas diversas situações de interações.

Pensar no aluno como um ser ativo que constrói seu próprio conhecimento, é pensar em sua capacidade, no seu desenvolvimento, na forma de como ele analisa, reflete e compreende os acontecimentos e a realidade do mundo. Segundo CORACINI (1995, p.90):

O aluno deve saber que há sentidos previstos para um texto. Essa previsão advém das condições de produção da leitura de um texto. Na situação de

sala de aula, uma leitura prevista com certeza é a do professor que, através das atividades didáticas que propõe, direciona o sentido que o aluno deve atribuir ao texto. "Se o professor utiliza material didático publicado ou, de alguma forma, feito por terceiro, pode-se dizer que há uma leitura e um sentido predeterminado previsto pelo material, na formados exercício que acompanham o texto."

Diante de tantos pressupostos apresentados sobre a leitura e escrita podemos concluir que a construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens esta diretamente ligada às condições para leitura. A leitura possui um caráter eminentemente reflexivo e dinâmico. Seu processo se dá através das interlocuções que se realiza nas práticas sociais existentes nos diversos grupos de uma sociedade. Interagir pela linguagem significa dizer alguma coisa a alguém, de certa forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstância.

O ser humano interage pela linguagem, tanto numa conversa informal quanto na escrita de uma carta, poema, bilhete ou relatório. Pela linguagem, é possível expressar idéias, pensamentos, intenções, estabelecer relações interpessoais, influenciar os outros e modificar as representações da realidade.

CAPÍTULO V

LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

Apresento a seguir os resultados do questionário aplicado junto aos quatro professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nivaldo Gomes de Sá, sobre as dificuldades de aquisição da leitura e escrita através dos Portadores Sociais de Textos.

Iniciamos nosso trabalho salientando que o conceito de ensino propriamente dito, está atrelado a figura do professor, pois ele é quem exerce tal função. Nesse contexto analisaremos as concepções que os mesmos possuem sobre a temática e sobre as mudanças ocorridas no processo de ensino-aprendizado.

Em seguida questionarmos aos quatros professores das séries iniciais como eles trabalham a leitura e a escrita em sala de aula? Todos destacaram a importância de sua prática enfatizando a forma de como esse processo ocorre:

De forma dinâmica, considerando os níveis, ritmos e compreensão. (prof.A)

Oferecendo as crianças múltiplas oportunidades como: texto, música, história em quadrinhos, produção textual etc. (prof. B).

Uma leitura compreensiva, onde o leitor tenha conhecimento lingüístico, textual e de mundo. (prof. C)

De forma diversificada, selecionando os textos de acordo com níveis de aprendizagem do aluno. (prof.D)

Percebe-se que os professores buscam superar através de suas práticas, a versão de que à decoreba de signos lingüísticos são os métodos mais eficazes para se aprender a ler e escrever. De acordo com MARTINS, (1994, p.34): *aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, da sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinado.*

Portanto fica evidente que o ato de *aprender, nos acompanha durante toda a vida e vai muito além daquilo que aprendemos na escola.*

Outra questão abordada foi: quais as estratégias didáticas que você utiliza em sua sala de aula? As alternativas mais utilizadas foram: Cantinho da leitura (gibis, livros de histórias infantis, jornais...), Cantinho dos jogos (caça-palavras, palavras cruzadas...), e Projetos.

Em fase disso, analisamos que as estratégias utilizadas pelos professores contribuem para que a criança conheça as funções que os diferentes estilos de textos possuem o que possibilita o uso da escrita em diferentes situações. A propósito afirma MARTINS, (1994,p.21) que:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural.

Como sabemos a escolha do método utilizado pelo professor é que direciona sua prática educativa. Desse modo questionamos: qual método você utiliza na sua prática educacional? Dentre os professores, 50% adotam o método analítico

(sentenciação e global de contos), os outros 50% afirmam, que os dois métodos se completam método analítico (sentenciação), método sintético (silabação).

Considerando o pensamento de MARTINS (1994, p.23),

(...) é sabido que nenhuma metodologia de alfabetização, avançada ou não. Leva por si só a existência de leitores efetivos. Uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteira-se no mundo sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de "ler pelos olhos de outrem."

Embora saibamos que todos os alunos detêm saberes antes de ingressarem na escola, ou posteriormente ao adquirir o conhecimento formal, também sabemos que tais saberes se diversificam em extensão e qualidade. Poucos alunos são capazes de atribuir significados aos diversos textos com que terá de lidar agora e no futuro. Cabendo ao professor buscar em sua prática seja através do método analítico ou sintético o sentido e prazer da leitura, para que os alunos continuem seu processo de construção da aprendizagem, compreendendo e decifrando a realidade.

Considerando as respostas e ainda referindo-se a prática perguntamos: qual prática você considera mais importante para o trabalho de alfabetizadores? A resposta foi unânime, todos concordam que a linguagem oral, a escrita, a produção textual e o conhecimento lingüístico, são práticas que ajuda a ampliar o conhecimento dos alunos, melhorando na leitura e na decifração correta da escrita.

Nesse aspecto os professores vêm nas alternativas propostas, uma ligação, ou seja, que uma completa a outra em busca de uma redefinição para o conceito de leitura.

Dando continuidade ao nosso trabalho, questionamos se a seqüência pedagógica proposta nos livros didáticos é a mesma seguida pelo professor em sua sala de aula? Os professores selecionaram a alternativa “não”, justificando da seguinte forma:

O livro didático é apenas uns dos subsídios que temos. (prof.A)

A seqüência pedagógica é utilizada na sala de forma variada, pois se trata de alunos nas séries iniciais. (prof. B)

Trabalho com a pedagogia da escola, de acordo com as dificuldades da turma (prof. C).

Primeiramente faço um levantamento das dificuldades, dando prioridade às necessidades da turma, para posteriormente trabalhar as propostas do livro. (Prof. D)

Há uma clara intenção dos professores quando analisa o livro didático como um subsídio para a aprendizagem, e que a maioria busca trabalhar de acordo com as necessidades da turma, selecionando dessa forma, atividades que estimule o raciocínio dos alunos, possibilitando seu acesso a diferentes gêneros textuais.

Considerando suas respostas foi formulada a seguinte pergunta: que importância tem os Portadores Sociais de Textos para o ensino da leitura e escrita? Os professores destacaram que:

Além de ampliar os conhecimentos, mostram as várias formas de textos. (Prof. A)

Os portadores sociais de textos são importantes, pois, leva o aluno a despertar o gosto pela leitura, e produzir diferentes tipos de textos. (Prof. B)

Serve como referência para a preparação de produzir textos em diferentes e variadas situações de comunicação. (Prof. C)

Os portadores facilitam a aprendizagem e do acesso ao aluno a conhecerem a diversidade de textos que circulam no nosso meio social. (Prof. D)

Dentre outras considerações acerca dos recursos utilizados pelos professores foi indagado: em que momento você utiliza o livro didático em sua prática pedagógica? Todos afirmaram que utiliza o livro didático todos os dias interligando-o com outras atividades. Entendemos que os educadores vêem o livro como um subsídio que não atendem os alunos nas suas especificidade, doutrinando o raciocínio com respostas prontas, onde geralmente as atividades propostas são completamente fora do contexto social do aluno.

Desse modo, inspirado no pensamento de MARTINS (1994, p.26):

A justificativa maior dos organizadores dos livros didáticos, entretanto, se reveste de espírito "científico": a necessidade de viabilizar o desenvolvimento de capacidades específicas, sistematizar conhecimentos de simplificar assuntos demasiado complexos. Quanto aos educadores, muitos consideram tais livros um "mal necessário" diante de evidentes problemas de caráter econômico, deficiência na formação de professores, na própria estrutura do ensino brasileiro.

Portanto questionou-se: se os educadores utilizam os portadores de textos em sala de aula e quais? Eles responderam "sim", destacando-os:

Rótulos, jornais, revistas, folhetins, folders... (Prof. A)

História em quadrinhos, crachás, letras de música, lista de compras, rótulos... (Prof. B)

Bulas de remédios, rótulos, receitas, jornais, revistas... (Prof. C)

Jornais, revistas, rótulos, poemas, contos, letra de música, textos informativos... (Prof. D)

As respostas a este quesito, apresentam qualidades significativas no processo de ensino, uma delas é a seleção textual que reúne textos diferentes, dando ao aluno acesso a leitura e escrita em gêneros diversos. No que se refere a função da leitura e sua dificuldade de realização, MARTINS (1994, p. 82) afirma que:

"A leitura para ser compreendida e se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais."

Nesse contexto, ressaltamos que a leitura e a escrita na escola, vem sendo repensada numa perspectiva de mudança e numa transformação de uma política educacional de melhor qualidade.

Para finalizar nosso estudo indagamos: De que forma você avalia a aquisição da leitura e escrita em sua sala de aulas? Os professores refletiram sobre o nível de aprendizagem dos alunos classificando-a como boa e ressaltando que:

Há diversidade com relação à clientela e vários fatores influenciam para que a leitura não seja excelente. (Prof. A)

A turma desenvolve a leitura bem, interpretando-a corretamente. Mas sentem dificuldade na escrita. (Prof. B)

Tento dificuldade na parte interpretativa. (Prof. C)

Acredito que todas as salas são heterogêneas, portanto a aprendizagem ocorre em níveis diferentes. (Prof. D)

Tendo em vista que cada aluno apresenta uma realidade diferente dentro do processo de aprendizagem. Os professores buscam através da avaliação contínua, adequar as capacidades, os avanços e as dificuldades da turma na construção do conhecimentos. Segundo Luckesi, (2000, p.44) , *a avaliação deverá verificar a aprendizagem não a partir dos mínimos possíveis, mas sim a partir dos mínimos necessários.*